

SENTIDOS DA FORMAÇÃO NAS NARRATIVAS DE ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMEAM/UERN

Débora Maria do Nascimento
Prof^ª. Dr^ª. DE/CAMEAM/UERN

Eleni de Andrade Leite
Aluna do Curso de Pedagogia CAMEAM/UERN

1 Introdução

O propósito deste trabalho é discutir a formação dos estudantes na Universidade, especialmente, dos graduandos do Curso de Pedagogia do *Campus* Avançado “Prof^ª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Sabemos que o tema formação é bastante amplo e constantemente discutido por vários autores, tais como: Garcia (1999), Candau (2001), Josso (2010) e Santos (2004). Há, no âmbito dessas discussões, reflexões sobre a formação relacionadas aos processos de vida e trabalho, o que traz para esse campo uma diversidade de abordagens e conceitos. A depender das referências de análise e da abordagem teórico-metodológica adotada, mudam-se o entendimento do que é a formação e os modelos formativos empregados. Assim, buscaremos discutir neste trabalho alguns sentidos da formação apreendidos nas narrativas dos estudantes do curso de Pedagogia CAMEAM/UERN, como resultado das análises do subprojeto de pesquisa PIBIC: “*A formação profissional dos (as) alunos (as) do curso de Pedagogia no CAMEAM/UERN*”. Este subprojeto é parte da pesquisa: “*Aprendizagem profissional dos alunos- professores em formação no curso de Pedagogia CAMEAM/UERN (re) construindo saberes sobre o ensino, a escola e a profissão docente*”¹. A referida pesquisa tem como objetivo compreender o processo de aprendizagem dos alunos-professores em formação no curso de Pedagogia CAMEAM/UERN. Para isso adota como referencial teórico-metodológico a investigação colaborativa, utiliza como principais procedimentos de investigação as narrativas de vida e formação dos estudantes.

¹ Pesquisa proposta e coordenada pela Prof^ª. Dr^ª. Débora Maria do Nascimento, vinculada ao Núcleo de Estudos em Educação, do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado “Prof^ª. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, em desenvolvimento desde outubro de 2010.

No decorrer da pesquisa foram elaboradas pelos alunos até o semestre 2011.1 três versões de narrativas. A primeira versão foi proposta pela professora da disciplina “*Fundamentos Socioeconômicos da Educação*”, cujo objetivo foi que os alunos expusessem seus percursos formativos, incluindo nestes, aspectos da trajetória de vida, espaços formativos e experiências que influenciaram nesta formação. A segunda narrativa constituiu parte da terceira avaliação, também da disciplina Fundamentos Socioeconômicos da Educação, cujo objetivo era que os alunos reescrevessem sobre seu processo formativo incluindo suas percepções sobre a vida acadêmica vivenciada no 1º semestre na UERN, de forma que evidenciassem os conhecimentos e os saberes aprofundados e/ou adquiridos/compartilhados, especialmente, na referida disciplina. A terceira versão foi proposta pela professora da disciplina “Profissão Docente”, referente ao terceiro período do curso, com o objetivo de que os alunos mostrassem sua visão sobre o que é a escola e a profissão docente a partir das experiências já vivenciadas na condição de alunos.

Para a produção deste artigo, escolhemos trabalhar com a primeira e segunda versão. Lemos e analisamos ao todo 18 narrativas, desse universo selecionamos oito. Para a seleção dessas oito narrativas, tivemos como critério de escolha aquelas em que os partícipes² falaram mais claramente sobre seus processos de formação relacionados às suas vivências antes da entrada na universidade e das suas percepções iniciais sobre a vida acadêmica.

Dessa forma, discutimos neste artigo inicialmente sobre os sentidos de formação expressos nos estudos de Josso (2010), Garcia (1999), Candau (2001), Côelho (2005), em seguida analisamos os sentidos de formação expressos nas narrativas das partícipes tomados como referência o entendimento de formação como processo dialógico e interacional (Bakhtin, 2002, 2010) e na perspectiva da aprendizagem e desenvolvimento conforme aborda Vygotsky (2005, 2010).

2 O Conceito de formação: refletindo sobre a posição de alguns autores

Como mencionados no início da introdução deste artigo, dizer o que é a formação não é tarefa fácil, pois o sentido de Formação é complexo e polissêmico e, por conseguinte, envolve várias perspectivas de análise e compreensão. Desse modo,

² Na pesquisa colaborativa todos são considerados partícipes. Embora tivéssemos narrativas de alunos, todas as que foram selecionadas para este artigo são de alunas, portanto de agora trataremos todas como as partícipes.

podemos falar da formação de forma ampla, incluindo-se nesta, desde o desenvolvimento biológico até o desenvolvimento social e cultural do homem. Podemos também falar de formação em contextos específicos, este é o caso da formação profissional de professores.

O conceito de formação no âmbito das ciências do humano, conforme explorado por Josso (2010), nos fez observar dificuldades para conceituarmos a formação tanto pela multiplicidade de conceitos evocados no âmbito dessas ciências, quanto pela possibilidade do uso de conceitos diferentes para designar uma mesma realidade. Dessa forma, conforme destaca a referida autora, a formação pode estar relacionada a ação de uma instituição, ao conjunto de modalidades desta, como ação de exortação ou como atividade própria da pessoa.

Assim, é no campo dos estudos da Sociologia e Psicologia social que se desenvolve o conceito de formação como socialização. É no âmbito dessa discussão que ganha importância o papel da educação, pois é por meio desta que transmitimos às novas gerações as qualificações necessárias para a sua inserção na organização social de forma ativa. A Sociologia e a Psicologia Social oferecem, portanto a possibilidade de refletimos sobre a ação exercida pelos grupos sociais na formação dos indivíduos. Desse modo, enquanto a Sociologia preocupa-se com os processos de interiorização de uma realidade socialmente construída, a Psicologia Social permite o estudo das relações interpessoais e intergrupais.

No campo dos estudos antropológicos encontramos o sentido da formação como enculturação. A enculturação “é o processo através do qual o indivíduo adquire a cultura de seu grupo, de sua classe, de seu segmento ou de sua sociedade. O processo é limitado à aquisição dos modelos de comportamento, inclusive a linguagem, as metalinguagens, os costumes, os valores, as definições de funções e outros fenômenos desta ordem”. (BASTIDE *apud* JOSSO, 2010, p. 41). Além das preocupações com os processos de assimilação e transmissão da cultura, a abordagem antropológica da formação permite que compreendamos aspectos dos conteúdos da formação e suas implicações na construção do sentimento de pertença e de identidade. O olhar antropológico permite que tomemos consciência das ‘figuras de *anthropo*’, isto é, das relações que constituem as comunidades humanas nos aspectos culturais. (Josso, 2010).

Dando continuidade a essas abordagens, enquanto a sociologia, a psicologia social e antropologia desenvolvem conceitos de formação para descrever as aquisições necessárias à formação dos indivíduos culturalmente adaptados à organização da

sociedade; a Psicologia aborda a dinâmica da formação do *anthropos* sob o ângulo da dimensão psíquica e da maturação psicossomática do ser, da infância à idade adulta. (JOSSO, 2010).

É no contexto dessa análise que Josso (2010) alerta para a multiplicidade das abordagens psicológicas o que dificulta a elaboração de um conceito genérico que explique a formação do ser psicossomático. As diversas abordagens procuraram trabalhar com aspectos relacionados aos seguintes aspectos: compreensão da aprendizagem das condutas (reflexos condicionados, condutas axiológicas, condutas verbais); compreensão das funções psíquicas (imaginação, intuição, percepção, sentimento, emoção, vontade, raciocínio); compreensão das instâncias psíquicas (instintos, desejos, inconsciente, complexos, consciente) e a compreensão das capacidades adaptativas e criadoras do indivíduo. É no contexto dessa abordagem que Josso (2010) vai destacar a contribuição de Piaget para destacar a formação como um processo contínuo de auto-regulação.

Neste trabalho, adotaremos uma visão social do psiquismo fundamentado, principalmente, nos estudos de Vygotsky (2005, 2010), pois conforme defende esse autor, tudo que é especificamente humano e distingue o homem de outras espécies tem sua origem na vida em sociedade. Entendemos, pois, a formação como um processo histórico e culturalmente construído. Nessa perspectiva, destacamos a importância da dimensão relacional e dialógica da formação e nos fundamentamos, principalmente, em Freire (2006, 2011); Bakhtin (2002, 2010) e Vygotsky (2005, 2010). Antes de adentrarmos no sentido da formação como expressam as narrativas das partícipes discutiremos a seguir sobre função da formação na universidade.

3.3 A Formação docente: função da Universidade

De acordo com Garcia (1999, p.19) o termo formação pode ser entendido **como uma função social** que envolve o saber voltado para a ideologia dominante bem como pode ser **um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa** que é simultaneamente um processo de mudança no sujeito e de aprendizagens experienciais. Além disso, podemos entender ainda **formação como instituição** (grifos do autor) trata-se de instituições que oferecem a formação profissional.

Quanto ao sentido de formação de professores, os conceitos se diferenciam de acordo com a visão de diversos autores, por exemplo, Rodrigues Diéguez apud Garcia

(1995, p.22) entende esta formação como o ensino para o ensino, ou seja, é o ensino profissionalizante que é transmitido de alguns professores para outros futuros professores. Já para Ferry, também citado por Garcia (1995, p.22), formação trata-se de um desenvolvimento individual onde o sujeito ganha ou melhora suas capacidades. Esse autor defende a ideia de que a formação de professores é diferente de outras formações pelo fato de haver uma ligação entre a formação acadêmica e a pedagógica, também por ser uma formação profissional que, envolve o profissional em outras perspectivas não só como docente.

Consideremos o que nos diz Garcia (1995, p.26): “A formação de professores, no nosso ponto de vista, é uma área de conhecimento e investigação”. Assim, devemos salientar que a formação de professores além de ocorrer de forma sistematizada também se dá em um processo contínuo que envolve desde a formação inicial até a reflexão a partir da experiência prática (pesquisa-ação) e da investigação científica. Assim: “Será impossível afirmar os cursos de licenciatura sem uma base consistente de pesquisa na área” (CANDAUI, 2001, p.48). O que a autora nos fala é que nos últimos anos a formação inicial de professores propostas nas Universidades brasileiras não tem tido destaque no campo da investigação científica, fato que se justifica também pela desvalorização da Educação de forma geral em meio a sociedade.

Para falar sobre formação de professores não podemos esquecer da Universidade como principal produtora do conhecimento por meio de seus agentes formadores (professores), dessa forma:

O que justifica a universidade é a busca e o cultivo do saber, a formação de seres humanos que a todo momento possam inserir-se de modo crítico, rigoroso e criativo na existência social, no mundo do trabalho e contribuir para transformá-los, para superar a realidade, a sociedade existente, o saber instituído. É a formação de *intelectuais*, pessoas que, ao mesmo tempo, interrogam, buscam, amam, cultivam e contestam o saber, as ciências, a tecnologia, a filosofia, as letras, as artes, a investigação e a criação de novos saberes, e que assumem a dimensão social e política da pesquisa (COÊLHO, 2005, p.55, grifo do autor).

Ou seja, a universidade por si só não se constrói; é preciso que haja um comprometimento para com o ensino e a formação oferecida nesse espaço por parte de seus representantes, o que para Santos (2004, p.55) significa promover uma globalização contra-hegemônica, ou seja, é preciso que o Estado proporcione a inclusão das minorias na universidade pública. Assim a universidade é a “[...] instituição da formação de *sujeitos da cultura, do pensamento, da ação e da política*, de seres

humanos e de sociedades felizes” (COELHO, 2005, p.57, grifos do autor). A universidade mais do que um local de ensino deve servir como um ambiente formador e transformador de sujeitos. O que implica também na proposta de pesquisas que se voltem ao benefício da sociedade, em favor de suas lutas por igualdade.

[...] O sentido da universidade e do ensino de graduação é formar em cada estudante o ser humano, a pessoa que pensa e recria as ideias e a realidade, o profissional, levando-o ao mesmo tempo a cultivar o rigor da filosofia e das ciências, o domínio da tecnologia, a sensibilidade e a imaginação da literatura e das artes em geral, não como algo justaposto, estanque e paralelo, mas intrínseco ao processo mesmo de formação humana e portanto, de formação de todo e qualquer profissional (COELHO, 2005, p.68).

É importante lembrar que a formação universitária não se deve pautar apenas no investimento pessoal, quer seja dos professores, quer seja dos alunos; no sentido, por exemplo, da investida em pesquisas científicas apenas com o objetivo de aperfeiçoarem seus Currículos *Lattes*, de modo que não aconteça o que alerta Candau (1007, p. 34) quando diz: “A preocupação pela produção científica e o envolvimento com a pesquisa e a pós-graduação consomem a maior parte do tempo e do interesse do corpo docente”. Pois, o mais importante é que a ênfase se volte para a formação do sujeito enquanto pessoa e ao mesmo tempo como profissional e, isso por si só consome bastante tempo e comprometimento por parte de todos os envolvidos nesse processo educativo.

Assim, na perspectiva de construir um sentido de formação como processo dialógico, interacional e histórico-cultural é que tomamos como referência os sujeitos que aprendem e discutiremos formação a partir dos sentidos que emergem das narrativas dos alunos da graduação.

3 Os Sentidos da formação nas narrativas dos alunos

A primeira narrativa escrita pelos alunos, conforme expressamos no início deste artigo, ao tomar como foco o percurso formativo dos estudantes antes da entrada na Universidade, nos possibilitou apreender tanto os espaços onde se deram as primeiras vivências/experiências educativas, como os sujeitos que contribuíram nesse processo. Essa formação tem como ponto de partida a família, constituinte do processo de socialização primária, espaço em que eles aprendem os valores que carregam ao longo da vida. Diversas pessoas ou Outros no dizer de Vygotsky (2005, 2010) e Bakhtin (2002, 2010) dialogam e constituem esse ser em processo de construção.

Na segunda narrativa, após a vivência de um semestre na Universidade, o principal objetivo era que os alunos expusessem as suas aprendizagens e desenvolvimento ao longo desse período. Dessa forma foi possível apreender o sentido de formação como mudança, e a Universidade aparece como espaço formativo que possibilita a continuidade da formação, cujo processo em seus passos iniciais, é permeado de desafios e dificuldades. Nessa perspectiva, abordaremos os sentidos de formação evidenciados na primeira e segunda narrativa, bem como pessoas e experiências e aprendizagens constituintes dessas vivências/experiências formativas.

3.1 A Formação como experiência de vida: família como base da formação

Identificamos em umas das narrativas o sentido de formação que demonstra condição de inacabamento do ser humano (FREIRE, 2011), como parte do processo de estruturação da pessoa conforme aborda Garcia (1999). Nesse sentido, o trecho a seguir da narrativa da partícipe Sonhadora evidencia esse aspecto:

Atualmente vivo mais ainda um eterno processo de formação. Formação essa construída como esposa, mãe, universitária em constante busca de novas respostas, experiências e bagagens que me acrescente como ser humano. (SONHADORA, TN de 2010).

Assim, a formação representa uma constante busca de novas respostas, experiências e bagagens que a faça crescer como ser humano. Quando a partícipe expressa essas expectativas em relação a formação, nos lembramos de Freire (2011, p. 50) quando diz: “[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”, aspecto que se complementa com a sua vocação para o ser mais. Assim, o referido autor nos ensina que “Tenho insistido, ao longo de minha prática educativa, que jamais se ressentiu de uma reflexão filosófica, em que seres finitos, inacabados, homens e mulheres vimos sendo seres vocacionados para ser mais” (FREIRE, 2003, p. 192). Dessa forma, viver, aprender, formar-se constitui essa constante busca e representa a vocação humana de “ser mais”, isto, é de ser em constante transformação. A narrativa de Sonhadora, além desses aspectos, expressa os papéis que o sujeito ocupa. Nesse processo ela aprende e forma-se no papel de esposa, mãe e universitária.

Ao longo da leitura da narrativa, fica evidente a família como espaço formador de valores e atitudes que eles (os alunos) dizem carregá-los por toda a vida. Assim o

trecho da narrativa de Família e Coração da Saudade é bem expressivo dessa condição, vejamos:

No decorrer da minha formação, alguns fatores contribuíram para com o apoio, o principal foi da minha família, eles são o meu alicerce, a maioria das coisas que eu aprendi foram com eles, por isso que o meu nome é família (FAMÍLIA, 2010).

Bom, minha formação ao qual me fez ser o quem sou hoje como pessoa foi iniciada no ambiente familiar cheio de regras e limites, onde meu pai era a autoridade da casa (ainda é), me ensinando valores essenciais para se tornar uma boa pessoa. (CORAÇÃO DA SAUDADE, 2010).

A família constitui o principal meio, através da qual podemos adquirir valores pessoais tais como: dignidade, honestidade, entre outros. Além do espaço familiar, as experiências de vida, pessoas e acontecimentos significativos constituem espaços de aprendizagem. A participante Borboleta ao narrar sua história menciona acontecimento/experiência de sua vida que foram formadoras, como a mudança de uma cidade pequena para uma maior. Vejamos o trecho:

Aprendi a me virar um pouco sozinha podemos dizer, a pegar um ônibus com medo de se perder dentro de uma cidade desconhecida e bem maior do que a de origem” (BORBOLETA, 2010)

Do mesmo modo, o trecho da narrativa de Coração Amigo evidencia também esse aspecto.

Quando eu tinha 15 anos meu tio faleceu era uma pessoa muito apegada a família e pela primeira vez eu tive uma perda significativa todos os meus problemas se tornaram mínimos comparados a esse fato. A partir dessa experiência aprendi a ser forte ou pelo menos tentar, procura aprender com os fatos que me marcaram. Aprender a superar é uma grande vitória. (CORAÇÃO AMIGO, 2010)

No trecho acima Coração amigo mostra que pôde aprender com diversas experiências, inclusive com o sentimento de perdas, como o de entes queridos. Tais experiências constituem espaços de aprendizagem e desenvolvimento que os formam como pessoa.

3.2 A escola, as pessoas e outras práticas como espaços formadores

Além do espaço familiar a educação na escola também aparece como importante espaço formador onde se constrói aprendizagens pessoais e profissionais. É o que mostra os trechos a seguir das narrativas de Carol e Vitória:

A escola tem como importância fundamental na minha formação profissional, em relação à visão de mundo, para descobrir aquilo que realmente desejo (CAROL, 2010).

[...] além da família a escola foi de fundamental importância, pois foi por intermédio dela que fui me encontrando enquanto pessoa, e conforme o tempo foi passando, fui adquirindo mais experiências e pude realizar o meu grande objetivo como estudante entrar na universidade [...]. (VITÓRIA, 2010).

Percebemos, assim, que pessoas como os amigos e práticas diversas, como por exemplo, os esportes contribuem e aparecem como espaços de formação. É o que expressa Carol e Coração da Saudade:

O esporte é essencial para o ser humano, quando você pratica algo, alivia o estresse, perturbações, enfim, sem contar com o bem-estar na sua saúde física. (CAROL, 2010).

Os amigos foram e são importantíssimos em todas as fases de minha vida. Foram com eles que dividi muitas brincadeiras, segredos, trabalhos de escola, e muito mais coisas que em um curto espaço de tempo não me permite relatar. (CORAÇÃO DA SAUDADE, 2010).

Isso reforça mais uma vez a ideia de que o processo de formação do sujeito envolve diferentes aprendizagens, que estão enraizadas também nas vivências culturais, envolvendo até mesmo o lazer como a prática de esportes e brincadeiras entre amigos.

3.3 A Formação Acadêmica: primeiros passos

No que diz respeito à formação acadêmica, o percurso das partícipes vivenciado ao longo do primeiro período no Curso de Pedagogia revela suas aprendizagens, motivações e dificuldades. De modo que, em alguns trechos de suas narrativas elas conseguem expressar a descoberta de um “mundo novo” com a entrada na universidade; bem como as dificuldades vivenciadas nesses processos interacionais, isto é, as suas relações com os saberes teóricos, com as novas rotinas de estudo e com os processos de construção e expressão do conhecimento. Assim, no trecho a seguir extraído da narrativa de Sonhadora, aspectos como: o convívio em sala de aula e o sentido da troca de conhecimento e saberes por meio da interação com o outro (BAKHTIN, 2005, 2010), é expressivo dessa relação no processo formativo na Universidade. Vejamos:

Experiências estas compartilhadas no convívio em sala de aula e também na troca de conhecimentos sobre os saberes adquiridos tanto com o professor quanto com os colegas e principalmente com as disciplinas que quanto mais nos aprofundamos mais queremos aprender (SONHADORA, 2011).

Além disso, os saberes disciplinares (TARDIF, 2000) aparecem como importante fonte de informação e construção de conhecimentos. Neste caso, trazemos o exemplo da disciplina Sociologia, citada por uma das partícipes, para quem os saberes trabalhados nesta disciplina, no primeiro período do curso lhe permitiu a construção de um olhar crítico para a realidade social - ainda que de forma inicial- conforme podemos apreender no trecho a seguir:

Eu nunca poderia imaginar, por exemplo, como a sociologia me proporcionaria um olhar crítico da sociedade, há poucos dias me deparei pensando como pode haver tanta corrupção, pobreza, violência, drogas num mundo tão moderno que vivemos hoje, mas como vivemos num mundo de transformações, conflitos, tensões, divisões sociais e mesmo tendo que viver neste social, temos a capacidade de mudar nossas vidas para melhor. (BORBOLETA, 2010).

Percebemos também aspectos positivos quanto à formação oferecida no curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN, que conforme a partícipe Vitória possui objetivos bem definidos, conhecimentos que se voltam realmente para a área educacional. Dessa forma, como diz Veiga e Naves(2005) deve ser objetivo mesmo da universidade comprometer-se com o ensino e a formação dos futuros profissionais docentes enquanto sujeitos. Aspecto esse evidenciado na relação dos saberes disciplinares, curriculares e o perfil do profissional que se deseja formar. Observemos o trecho da partícipe:

[...] percebi que os estudos dentro da Universidade têm objetivos bem definidos, por exemplo, no curso de Pedagogia com disciplinas que realmente estão voltadas para o campo da Educação com a disciplina: Fundamentos Socioeconômicos da Educação onde estudamos a sociedade buscando entender o que a influencia e o que influencia o comportamento humano. (VITÓRIA, 2010).

Apesar do pouco tempo inseridas no curso, algumas das partícipes demonstram em suas narrativas os saberes internalizados/construídos ao longo desse primeiro período. Assim, destacam alguns autores clássicos, que embora não fique evidente a aquisição conceitual e suas definições teóricas, não deixa de ser importante a nomeação de autores como no caso da partícipe Carol. Dessa forma, esses aspectos possibilitam

que apreendamos os seus avanços e limites no processo de aprender, conforme percebemos na narrativa de Carol: “Aprendi bastante sobre os pensamentos de alguns clássicos, como por exemplo, Marx. Aprendi sobre o trabalho e suas respectivas divisões, sobre o conceito ideologia, capitalismo, etc”.

O percurso inicial no curso evidencia algumas dificuldades específicas, principalmente, as dificuldades para adaptar-se ou acostumar-se com os estudos, as normas e a rotina da universidade. É o que mostra Família no trecho de sua narrativa, quando ela escreve: “[...] de início tudo é novo, senti dificuldade de adaptação ao ritmo acadêmico, as rotinas foram modificadas, as atividades e os contextos escolares também diferentes, por serem destinados a uma área específica”. (FAMÍLIA, 2010).

Outro aspecto que nos chamou atenção foi o fato de uma das alunas partícipes ter expressado que não deu a devida importância aos estudos acadêmicos durante o primeiro semestre do curso (especificamente nos primeiros dias de aula), vindo a alertar-se para a importância destes, somente depois de algum tempo. E foi assim que Carol relatou: “Em relação ao 1º semestre na graduação, para mim foi uma negação em relação de não ter aproveitado bem, até porque acho que estou amadurecendo agora” (CAROL, 2010). Percebemos, assim, que Carol expressa aqui sua capacidade de refletir sobre a própria aprendizagem, o que lhes permite avançar como sujeito, pois a aprendizagem é um processo contínuo e construído por relações dinâmicas entre o sujeito que aprende e os objetos sociais de conhecimento (VYGOTSKY, 2005, 2010).

4 Considerações Finais

Neste trabalho buscamos compreender os sentidos da formação para os estudantes do curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN. A compreensão da formação como processo dialógico e interacional (Bakhtin), na perspectiva da aprendizagem e do desenvolvimento (Vygotsky), constituiu o referencial de análise que possibilitou que apreendêssemos os sentidos de formação implícitos e apreendidos nos espaços formativos, tais como: a família, a escola e a universidade.

Assim, compreendemos através das narrativas dos estudantes como as aprendizagens adquiridas mesmo antes da entrada na universidade, relacionadas à convivência com pessoas, espaços e experiências adquiridas ao longo da vida dos sujeitos, possibilitam o desenvolvimento e a aprendizagem. Percebemos, enfim, os avanços e as limitações dos alunos no ambiente da universidade. Os avanços consistem

na formação de conceitos e aquisição de saberes teóricos, e as limitações por sua vez, se dá em relação às dificuldades de adaptação a rotina acadêmica.

Para a continuidade desta e de outras investigações sobre o ensino e a aprendizagem no ensino superior, merecem uma análise mais aprofundada a produção escrita dos alunos no que diz respeito a construção dos saberes teóricos, compreensão dos alunos dos conceitos e expressão escrita. Pois percebemos nas narrativas dificuldades dos alunos na expressão de conceitos e no domínio da norma culta.

5 Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CANDAU, Vera Maria. Universidade e formação de professores: Que rumos tomar? In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. 4. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

COELHO, Ildu Moreira. A Universidade, o saber e o ensino em questão. IN: VEIGA, Ilma Passos A; NAVES, Marisa L. de Paula. (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2005.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto, PT: Porto, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A Construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.